

**SAÚDE MENTAL DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA DE SAÚDE:
PERCEPÇÃO DOS LÍDERES DE CLASSES**

**HEALTH PROFESSIONALS' MENTAL HEALTH:
CLASS LEADERS' PERCEPTION**

**LA SALUD MENTAL DE LOS PROFESIONALES DE LA SALUD:
PERCEPCIÓN DE LOS LÍDERES DE CLASES**

TICIANA SIRQUEIRA CARVALHO¹

SHIRLEY DÓSEA²

DÉBORAH PIMENTEL³

MARIA JÉSIA VIEIRA⁴

O presente estudo refere-se à saúde mental dos profissionais de saúde e tem como objetivo identificar os principais problemas que propiciam alterações desta, segundo a percepção dos líderes de classes e coordenadores de cursos de graduação de enfermagem, medicina, nutrição, odontologia, fonoaudiologia, psicologia, fisioterapia e terapia ocupacional. O método utilizado é o descritivo-exploratório com abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas, por meio de um formulário com 41 questões abertas, adaptadas à função de cada entrevistado, donde pode-se depreender, pela análise de conteúdo, a falta de investimentos dos referidos órgãos em relação à saúde mental das categorias profissionais estudadas, sabendo-se, entretanto que estes profissionais se encontram estressados, sobrecarregados e, alguns, até mesmo frustrados com a profissão, não podendo dessa forma prestar uma assistência adequada à população.

UNITERMOS: Saúde Mental; Profissionais de Saúde; Estresse.

This study is about the health professionals' mental health, aiming at identifying the perception they have of main problems that favor alterations in mental health, according to class leaders and coordinators of undergraduate courses in nursing, medicine, nutrition, dentistry, speech therapy, psychology, physical therapy and occupational therapy. A descriptive and exploratory method was used within the qualitative approach chosen. The research was accomplished through semi-structured interviews, by means of a form containing 41 open questions that were adapted to each interviewee's function. Through content analysis, a lack of investments of the referred organs in relation to the mental health of the studied professional categories was revealed. However, these organs are aware that these professionals are stressed out, overloaded and some are even frustrated with the profession, compromising the attendance to the population.

KEY WORDS: Mental health; Health Professionals; Stress.

El presente estudio se refiere a la salud mental de los profesionales de la salud y tiene como objetivo identificar los problemas principales que propician alteraciones en esto, según la percepción de los líderes de clases y coordinadores de cursos de graduación de enfermería, medicina, nutrición, cirugía dental, logopedia, sicología, fisioterapia y terapia ocupacional. El método usado es el descriptivo y exploratorio con abordaje cualitativo. La pesquisa se realizó a través de entrevistas estructuradas en parte, por medio de un formulario con 41 cuestiones abiertas adaptadas a la función de cada entrevistado, donde se pudo detectar, por el análisis del contenido, la falta de inversión de los referidos órganos con relación a la salud mental de las categorías profesionales estudiadas, teniendo en cuenta que estos profesionales se sienten estresados, con carga excesiva de trabajo y algunos, incluso, se muestran frustrados con la profesión, sin conseguir, así, prestar una asistencia adecuada a la población.

PALABRAS CLAVES: Salud mental; Profesionales de salud; Estrés.

¹ Estudante do Curso de Enfermagem da UFS, bolsista PIBIC / CNPq / UFS. E-mail: tscar@bol.com.br

² Estudante do Curso de Enfermagem da UFS, bolsista PIBIC / CNPq / UFS. E-mail: shirleydosea@bol.com.br

³ Médica, psicanalista, mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde da UFS. Email: deborah@infonet.com.br

⁴ Enfermeira, Professora adjunta doutora do Departamento de Enfermagem e do programa de Mestrado em Ciências da Saúde da UFS. E-mail: mjvieira@infonet.com.br

INTRODUÇÃO

A saúde mental está vinculada às possibilidades do trabalhador sentir prazer no trabalho. Para que isso ocorra, deve haver correspondência entre competências técnicas dos trabalhadores, o conteúdo significativo das tarefas e as regras estabelecidas nas relações com os pares e a hierarquia, tendo-se, no acirrado mercado de trabalho, a necessidade de aprimoramento constante. Neste contexto, a luta pelo sucesso profissional exerce papel fundamental na gênese da desestruturação física e mental ¹.

É notório, e pesquisas têm comprovado, que atividades em que se lida com dor, sofrimento e morte, interferem sobremaneira na organização, na gestão e nas condições de trabalho, expondo, conseqüentemente, tais trabalhadores a desgastes físicos e mentais intensos. Destacam-se, então, os profissionais de saúde submetidos a estresse e alienação, sofrendo prejuízos que acabam por ser repassados aos pacientes à medida que a concentração, a capacidade de decisão, o raciocínio, a reflexão, a sensibilidade etc. encontram-se bastante comprometidos ^{2, 3, 4}.

As instituições formadoras têm o papel de desenvolver um perfil educativo crítico-reflexivo, proporcionando a seus alunos o censo crítico de analisarem a si próprios, buscando inter-relações em todas as circunstâncias de sua vida, quer pessoal quer profissional, e desenvolvendo o autocuidado. ^{5, 6}

As entidades que atuam nas áreas profissional (conselhos), sindical (sindicatos), associativa (associações de classe) e os coordenadores de cursos de graduação, têm um importante papel na formação, na educação continuada, na defesa profissional e no aperfeiçoamento dos profissionais da área de saúde ⁷.

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior sobre a saúde mental dos profissionais de saúde, que analisa, do ponto de vista dos profissionais suas características sócio-econômicas, investimento profissional e condições de trabalho, sexualidade, vida familiar e social, uso abusivo de álcool e outras drogas, estado geral de saúde e sofrimento psíquico; e do ponto de vista dos líderes e coordenadores dos cursos de graduação o conhecimento destes problemas e os investimentos feitos.

Considera-se que o sistema de saúde vigente e o processo evolutivo das profissões a ele ligadas têm sofrido o impacto da globalização, evolução tecnológica, a rapidez da circulação das informações e a qualidade da formação universitária.

Neste sistema, o mercado de trabalho, a questão do desemprego, dos vínculos empregatícios e dos convênios de saúde, que terceirizam essa mão de obra, levam a mudanças nas condições econômicas, sociais e culturais destes profissionais.

Tendo em vista estas considerações, necessário se torna estudar os aspectos do cuidado destes profissionais com a sua própria saúde, e mais especificamente com a sua saúde mental, levando em conta as transformações sociais decorrentes das mudanças impostas pela contemporaneidade.

Desta reflexão surge a motivação para estudar a percepção dos líderes de classe e coordenadores de cursos de graduação quanto à formação profissional relacionada aos aspectos mentais dos profissionais da área de saúde, bem como, conhecer, na perspectiva dos mesmos, as questões da prática profissional que se referem ao âmbito de sua responsabilidade, e ainda os problemas que afetam estes profissionais, podendo comprometer sua própria saúde mental.

Discute-se a situação destes profissionais, que se dedicam ao tratamento da saúde do outro, sem conseguir, entretanto, entender e/ou identificar os motivos que propiciam alterações de sua própria saúde mental para, desta forma, investir no cuidado de si próprio, tendo como apoio as associações profissionais.

O trabalho teve, pois, como objetivos: conhecer, na percepção dos líderes de órgãos de classe e coordenadores dos cursos de enfermagem, medicina, odontologia, psicologia, fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia e nutrição do estado de Sergipe, as condições de trabalho destes profissionais; identificar, na percepção destes líderes, quais os principais problemas, pelos quais os profissionais de saúde são acometidos em sua prática profissional; conhecer a atuação destes líderes com relação aos problemas relacionados à saúde mental destes profissionais; averiguar, a partir dos mesmos, a influência do preparo acadêmico destes profissionais para o enfrentamento destes problemas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A doença mental é uma forma individual de re-apropriação da subjetividade do sujeito, diante do fracasso de tentar entender, superar e evitar, ou tornar suportável o sofrimento psíquico, aqui, em especial, adquirido durante o processo de trabalho e, ainda, como uma forma de criar, através dos sintomas que se revelam como mecanismos de defesa, as suas próprias condições de sobrevivência⁵. Estima-se que eles possam se tornar a principal causa de incapacidade para o emprego⁸.

Por outro lado, saúde mental é conceituada como um status individual que revela um desenvolvimento equilibrado de personalidade em um sujeito que é capaz de estabelecer relações sócio-familiares-afetivas harmônicas e de contribuir e participar nas modificações do meio social e físico onde está inserido².

Diversos são os modelos que procuram analisar as relações entre saúde mental e trabalho. Alguns se situam na linha do estresse, outros procuram entender essas relações a partir dos efeitos psicopatológicos e sua psicodinâmica, que coloca no centro das discussões as relações intersubjetivas, ou, ainda, como desequilíbrio entre as demandas do trabalho e a capacidade de resposta dos trabalhadores^{5, 9, 10, 11, 12}.

A psicodinâmica do trabalho enfatiza a centralidade deste na vida dos trabalhadores, analisando os aspectos dessa atividade que podem favorecer a saúde ou a doença¹⁰.

A organização do trabalho atua na gênese do sofrimento psíquico através de alguns elementos facilmente identificáveis, quais sejam: as jornadas prolongadas de trabalho, os ritmos acelerados de produção, a pressão claramente repressora e autoritária instalada numa hierarquia rígida e vertical, a inexistência ou exigüidade de pausas para descanso ao longo das jornadas, o não controle do trabalhador sobre a execução do trabalho, a alienação do trabalho e do trabalhador, a fragmentação de tarefas e a desqualificação de trabalho realizado e, por conseguinte, de quem o realiza^{13, 14}.

Além destes elementos que contribuem para o sofrimento psíquico, existem alguns estímulos emocionais nocivos aos quais o profissional de saúde está intermitentemente exposto como: a intensa relação com as questões

afetas ao processo de morte e morrer; o cotidiano de trabalho permeado por vivências ligadas à dor, sofrimento, impotência, angústia, medo, desesperança, desamparo e perdas de diversos tipos; a extenuante tarefa de se relacionar e tratar de pessoas que se apresentam políquelosas, refratárias à ajuda, agressivas, hostis, auto-destrutivas e outros e que freqüentemente alimentam a fantasia de obter um tratamento rápido, indolor e sem seqüelas; a atitude (muitas vezes interpretada como agressiva e/ou invasiva) de lidar com a intimidade emocional e corporal do paciente, entre outros⁴.

Agravando ainda mais a situação, há profissionais que lançam mão de artifícios defensivos para se preservarem da tensão que o trabalho origina e continuam trabalhando, como fuga das responsabilidades e apatia, gerando um profissional desinteressado com a missão da empresa¹².

Infelizmente a atenção voltada para a saúde mental dos profissionais de saúde ainda não é significativa. Os trabalhadores de saúde, salvo algumas iniciativas, não têm tido o merecido olhar que especifique os seus múltiplos papéis enquanto usuários e enquanto prestadores de serviços, e a análise de seus agravos¹³.

O processo de formação profissional possui fundamental importância quanto à capacitação destes profissionais, mas, infelizmente, este processo está fundamentado ainda num modelo de ensino que valoriza a formação em ciências básicas, desvalorizando os aspectos de promoção da saúde e prevenção da doença⁶.

Este modelo, ainda traz como conseqüências alguns problemas como a desarticulação entre as instituições formadoras e os serviços, o ensino dissociado do trabalho e a ausência de controle social na formulação e implementação de políticas específicas⁶.

Estes e outros problemas podem afetar a saúde mental dos profissionais, ou dificultar sua identificação e cuidado. E como os problemas mentais exercem grande influência sobre o poder do desempenho no âmbito trabalhista de todos os profissionais, inclusive dos profissionais da área de saúde, eles podem ser o principal causador da incapacidade destes, já que provocam um desequilíbrio entre as demandas do trabalho e a capacidade de resposta dos trabalhadores. Portanto, deve existir uma maior atenção voltada aos aspectos da saúde mental dos profissionais

de saúde, dando ênfase à modificação do processo de ensino desses profissionais e à conscientização dos órgãos de classe competentes para, desta forma, proporcionar melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, melhor desempenho profissional destes trabalhadores.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo foi realizado na cidade de Aracaju e a coleta de dados feita em local e horários escolhidos pelos sujeitos da mesma. Estes foram líderes de associações, sindicatos e conselhos profissionais e/ou coordenadores de cursos de graduação nas áreas de enfermagem, medicina, odontologia, psicologia, fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia e nutrição, num total de 22 participantes, sendo 05 enfermeiros, 04 médicos, 05 odontólogos, 01 fonoaudiólogo, 04 psicólogos, 02 fisioterapeutas e 01 nutricionista. Deste total, 09 são coordenadores de cursos de graduação, 05 são presidentes e/ou representantes locais de conselhos regionais, 05 são presidentes de associações de classe e 03 são presidentes de sindicatos.

Foram feitas entrevistas semi-estruturadas, com o auxílio de um formulário ², constituído por um total de quarenta e itens previamente organizados para serem adaptadas à função de cada entrevistado.

Estes, após esclarecidos dos objetivos e metodologia, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em que ficaram garantidos os princípios de autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade. O projeto "Saúde mental dos profissionais de saúde", do qual esta pesquisa faz parte, foi aprovado pelo Comitê de Ética e pesquisa do Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe.

Os dados foram processados através da análise de conteúdo categorial. Antecedendo a interpretação dos dados propriamente ditos foi realizada uma pré-análise, identificando as categorias que emergem das falas, fazendo um exame de todos os dados coletados, submetendo-os a uma análise crítica. Em decorrência da natureza dos objetivos deste estudo, os dados foram processados qualitativamente através da análise de conteúdo ¹⁵, inicialmente por categoria profissional e a seguir em conjunto.

RESULTADOS ANALISADOS POR CATEGORIA PROFISSIONAL

Psicologia

A psicologia está vivenciando um momento de valorização social, principalmente no interior de nosso estado. As políticas públicas de saúde têm cobrado do Estado e das prefeituras a presença de uma equipe mínima para poder dar aporte de recursos de prestação de serviço na área de saúde, embora, na prática, isto ainda não tenha sido adotado. O psicólogo está envolvido em diversos campos de sua profissão, voltando-se, cada vez mais, não somente para as questões particulares do indivíduo, como também para os problemas concretos da realidade social em que vive. Na verdade, o que existe, segundo os entrevistados, é uma variação infinita de atuação dos profissionais dentro desses dois extremos: do psicólogo voltado para a intimidade e vida privada do indivíduo e do psicólogo que lida com os problemas concretos da realidade social. É devido a essas variações que permeia na sociedade uma visão distorcida com relação à verdadeira função do psicólogo e é também devido a esse maior enfrentamento que o profissional começa a sentir a necessidade de uma qualificação superior à obtida na graduação, levando-o a uma incessante busca de conhecimentos e aperfeiçoamentos. Um dos coordenadores de curso afirmou investir em capacitação dos alunos através de incentivos às pesquisas, especializações e educação continuada e outro órgão de classe assegura a qualidade ética da oferta de capacitação.

O piso salarial foi considerado pelos entrevistados como sendo três vezes menor que o ideal, não satisfazendo a categoria, que tem a necessidade de ter vários vínculos empregatícios, contando-se, além disso, com um mercado de trabalho restrito.

Estes fatores – sobrecarga de trabalho, campo restrito e baixa remuneração – levam o profissional ao estresse. Como se não bastasse, ainda são acometidos por uma sobrecarga emocional própria da natureza do seu trabalho.

Os credenciamentos com os planos de saúde também contribuem com o estresse dos psicólogos, pela sua baixa remuneração, restrição do atendimento e, ainda, um fato recente, a exigência de um relatório informando a ro-

tina do profissional, o que vai de encontro com a profissão, já que esta possui um caráter altamente sigiloso.

Estes problemas, segundo os entrevistados, podem levar a mecanismos de fuga, e, muitas vezes, em momentos de fraquezas, o profissional acaba se envolvendo de forma abusiva com o álcool e até com as drogas ilícitas.

Com relação ao investimento em saúde mental existe, por parte de um dos órgãos, promoção de eventos e discussões. Quanto às coordenações da graduação, o investimento se dá através de incentivo aos alunos para a busca de tratamento, de orientações quanto às disciplinas que sentem dificuldades e através de disciplinas específicas sobre saúde mental.

Embora a literatura indique o treinamento de auto ajuda como forma de preparação do profissional com relação à sua saúde mental, os psicólogos entrevistados se posicionaram totalmente contra essas técnicas, alegando que não possuem um caráter científico. Discutir auto-ajuda com a psicologia, conforme um dos entrevistados, é complicado e também um assunto polêmico, pois consideram-na como simplificadora e como uma técnica que produz uma falsa ilusão.

Fisioterapia e Terapia Ocupacional

A Fisioterapia e a Terapia Ocupacional estão ligadas a um mesmo órgão fiscalizador que possui, como uma de suas atribuições, o papel de agente aglutinador dos profissionais destas duas categorias.

A fisioterapia é uma profissão que está vivenciando um momento favorável em sua carreira, já que está havendo uma maior conscientização de seu valor na equipe de saúde. Segundo os entrevistados, é uma profissão que está em ascensão. Mas existe uma indignação, por parte dos profissionais, com relação à presença de leigos e técnicos exercendo o papel de fisioterapeuta na sociedade, podendo este fato estar relacionado à insuficiência numérica de profissionais para atender o Estado, concentrando-se, os mesmos, na capital.

Associado a isso, ainda existe descontentamento dos profissionais com relação ao piso salarial, ritmo de trabalho, sendo visto como exacerbado, levando-os a adquirir problemas decorrentes da prática, tais como a lesão

por esforço repetitivo (LER) e o estresse. Não é diferente com os sistemas de plantões, que são considerados pela categoria como estressantes, dependendo do local onde são realizados.

Além do estresse do ritmo de trabalho e dos sistemas de plantões, o profissional depara-se, ainda, com alguns tipos de transtornos causados pelos planos de saúde como a dificuldade de credenciar-se, a não aceitação da tabela de honorários, a baixa remuneração, o atraso dos pagamentos e o limite no atendimento profissional.

Os líderes de classe e coordenadores de curso de graduação interferem, de certo modo, neste aspecto, através da promoção de eventos, com o intuito de discutir questões éticas e psicológicas, carga e sobrecarga horária, bem como através da presença de psicólogos e da inserção de disciplinas específicas na grade curricular. Ainda, dentre os entrevistados, um dos dirigentes de órgão de classe afirma a não existência de um investimento na saúde mental dos profissionais, embora considere, este, um fato interessante a ser analisado.

Com relação à preparação do profissional com treinamento de auto-ajuda, a maioria dos entrevistados não soube se posicionar sobre tal questionamento.

Enfermagem

A enfermagem, conforme os entrevistados, atualmente tem evoluído muito, principalmente no aspecto de reconhecimento. Os profissionais começaram a perceber a profissão como imprescindível ao paciente e à sociedade, nos seus aspectos científicos e humanísticos, com expansão do mercado de trabalho e busca constante do aprimoramento intelectual. Porém, é uma categoria que sofre fortes pressões psicológicas devido a fatores como pressões dos familiares dos pacientes, cobrança dos superiores hierárquicos, sobrecarga de trabalho, ritmo exacerbado e baixa remuneração, o que conseqüentemente acarreta a necessidade de vários vínculos empregatícios, desestruturando-os, tanto física como mentalmente.

Assim, constata-se que as principais doenças relacionadas à profissão são o estresse e a depressão, além de contaminação por doenças infecto-contagiosas. Muitos desses profissionais acabam por recorrer a drogas, álcool ou

medicamentos, como analgésicos e antidepressivos, para tentar solucionar ou fugir de seus problemas e frustrações, sejam eles pessoais ou profissionais, ou muitas vezes combinados. O agravante, é que alguns órgãos de classe e/ou coordenações de cursos de graduação não têm conhecimento desse fato, não podendo, dessa forma, somar esforços para resolver a situação.

Os investimentos nas questões abordadas limitam-se à promoção de eventos científicos, à discussão da problemática, e, num dos cursos, à criação de um espaço de vivência, onde são realizadas discussões sobre os medos e problemas dos acadêmicos em relação à prática profissional, facilitando a conscientização do futuro profissional quanto ao autocuidado. As universidades passam por dificuldades, principalmente de corpo docente, o que dificulta ainda mais a inserção de novas disciplinas voltadas para a saúde mental do cuidador.

Os líderes, de maneira geral, não participam das questões universitárias e não demonstram saber da importância da conscientização sobre estes problemas desde a graduação, com continuidade após a formação, através de capacitação profissional, apoio psicológico e divulgação da importância desta problemática, refletindo no atual quadro da saúde pública e privada do nosso país, pois o profissional que não está satisfeito, pessoal e/ou profissionalmente, não pode prestar uma assistência adequada a seu paciente. Sendo necessária a atuação conjunta desses órgãos para a problemática exposta, beneficiando a todos.

Odontologia

A odontologia, conforme seus entrevistados, sempre teve status e considerável poder aquisitivo. Atualmente, está sendo percebida como uma profissão onde o mercado de trabalho está saturado e o número de faculdades é maior que a necessidade da população. Com isso, a remuneração tem diminuído progressivamente, o que gera uma indignação do profissional, uma vez que o custo para a formação é elevado e o retorno financeiro não compensa.

Essa situação faz com que o profissional necessite agregar vários vínculos empregatícios para atingir o salário desejado, aumentando o ritmo de trabalho e a carga horária, fato que leva o profissional a adquirir determinadas

doenças como L.E.R., problemas de coluna, visuais, auditivos, bursite, bem como estresse, pois as pausas entre os atendimentos não são cumpridas. Outro problema relacionado é a cobrança dos planos de saúde, que exigem qualificação técnica e de atendimento, porém remuneram mal e impõem regras, que muitas vezes chegam a interferir no trabalho do profissional.

Ainda informam os entrevistados a existência de pesquisas que indicam ser esta uma classe com alto índice de suicídio, porém as causas apontadas, dentre elas a prática profissional, são apenas especulações. Alguns órgãos de classe e coordenações de cursos de graduação admitem que existem profissionais que abusam de álcool e drogas ilícitas como uma escapatória dos problemas, quer pessoais, quer profissionais, e outros, dizem não ter conhecimento do fato ou apenas não atribuem essa situação à prática profissional.

Os investimentos na saúde mental, quando existem, segundo os entrevistados, ainda são insuficientes, limitando-se a poucas palestras já realizadas. Percebeu-se que alguns órgãos dizem que tal problemática não é de sua responsabilidade e acabam por não investir nisso. Até mesmo a capacitação profissional deixa a desejar, tendo o próprio odontólogo que se preocupar com sua atualização tecnológica e científica.

As universidades, que deveriam formar profissionais preparados para o mercado de trabalho e suas conseqüências psicológicas, não estão estruturadas para tal, faltando recursos inclusive para a formação técnica, principalmente em relação ao corpo docente, acentuando ainda mais a falta de conscientização dos alunos quantos às questões da sua própria saúde.

Os órgãos não atuam de forma conjunta visando a melhoria da profissão. Cada um procura fazer o seu "papel" individual e no que se refere ao ensino, continua a existir a já conhecida falta de correlação entre formação e prática profissional, demonstrando, os entrevistados, o desejo de uma maior integração.

Fonoaudiologia

A fonoaudiologia é uma profissão com recente regulamentação, havendo um sentimento de desvalorização por

parte dos profissionais, devido ao escasso mercado de trabalho e à baixa remuneração. Este fato, segundo o entrevistado, deve-se ao desconhecimento da importância da profissão, seja pelo governo, com ausência de políticas de saúde voltadas à fonoaudiologia, seja pela população, que desconhece as utilidades e modalidades do tratamento, seja, ainda, pela inexistência de cursos de graduação no Estado, o que poderia aumentar o mercado de trabalho, proporcionar pesquisas e evolução tecnológica.

Os fonoaudiólogos são profissionais propensos à depressão e ao estresse, pois o ritmo de trabalho é cansativo, sem horários definidos para atividades diárias básicas como alimentação, lazer e família, além da existência de doenças ocupacionais somáticas como L.E.R., problemas de coluna e alergia. Esse quadro leva à frustração e consequente depressão. Associados a isto, ainda se constata problemas com álcool e tabagismo, que podem ou não ser consequência de tais fatos.

Fala da necessidade de capacitação profissional, com temas também voltados à saúde do cuidador, cujos investimentos são precários e dependem, muitas vezes, do próprio profissional, o qual não dispõe de recursos para isso, devido ao fato de que a maioria dos cursos são realizados em outros estados.

Um agravante para a categoria é que não existem órgãos de classe no Estado, apenas uma representação de um deles, dificultando a luta pela melhoria das condições de trabalho dos profissionais.

Nutrição

Atualmente, na nutrição, tem surgido um novo foco de trabalho, deixando para trás o estigma de necessariamente curativa para adquirir um caráter mais preventivo. Desta forma, o profissional começa a ver a melhoria da profissão e do mercado de trabalho, com inserção do mesmo em políticas públicas de saúde e campanhas governamentais de prevenção.

Entretanto, no Estado, devido ao fato de não existir faculdades de nutrição, está havendo uma substituição do profissional por técnicos em nutrição, o que diminui o nível de qualidade da assistência prestada à população, chegando até a prejudicar a imagem profissional. Ainda é

um agravante o fato de não existir um órgão fiscalizador no Estado, o que dificulta o controle dos problemas da ética profissional.

Segundo a entrevistada, o MEC deveria estimular a abertura de faculdades de nutrição no Estado, podendo, dessa forma, além de aumentar o mercado de trabalho, proporcionar aos técnicos a oportunidade de uma formação em bacharel, podendo atuar legalmente nesta categoria profissional.

Há insatisfação dos profissionais em relação à remuneração, não tendo ainda um piso salarial definido. Não há, também, um sindicato no Estado.

O órgão representado pelo entrevistado preocupa-se em capacitar seus profissionais, através da realização de congressos, palestras, seminários, porém ainda não atentou para a importância da saúde mental dos mesmos, sendo os investimentos precários e incipientes. Relata não ter conhecimento de profissionais que abusam de álcool e/ou drogas ilícitas ou que adoeceram em decorrência da prática.

Refere, ainda, a falta de comunicação entre os órgãos de classe, principalmente em relação às questões de Sergipe, uma vez que as sedes de alguns órgãos situam-se em Salvador, onde o mercado de trabalho é maior e mais estressante, segundo relatos, ficando a desejar a assistência adequada para os profissionais do nosso Estado.

Medicina

A classe médica, atualmente, está vivenciando uma maior competitividade no mercado de trabalho devido ao fato da demanda de profissionais estar sendo superior às necessidades da população, o que leva a uma série de descontentamentos da categoria. Acrescido a isto, existe uma unânime insatisfação com relação à questão salarial.

Esta baixa remuneração faz com que a classe médica tenha vários vínculos empregatícios, aumentando demasiadamente sua carga horária de trabalho, o que propicia problemas de saúde decorrentes da prática, sejam eles físicos ou psicológicos. Segundo os entrevistados, existem dados que indicam a existência de médicos com carga horária contratual impossível de ser cumprida na prática.

Diante destes fatores, surge uma redução na qualidade do atendimento e um certo comprometimento em sua vida particular, muitas vezes chegando a afetar seus horários antes destinados ao lazer.

Não é diferente com os sistemas de plantões que também são mal remunerados, oferecem péssimas condições de trabalho, exigem muito do profissional e propiciam um grau elevadíssimo de estresse.

Outro fator que afeta a classe é a questão dos transtornos com os credenciamentos com os planos de saúde, os quais são dotados de um contrato unilateral, interferem na conduta dos médicos, oferecem baixa remuneração e não fornecem reajustes.

Pesquisas têm demonstrado que alguns profissionais tentam encontrar uma fuga, para se preservarem da tensão que o trabalho origina, através do uso de drogas lícitas e/ou ilícitas.

Os órgãos de classe que, de acordo com a literatura, têm um importante papel na formação e atuação profissional, investem na saúde mental de forma indireta, através da promoção de cursos, de alternativas paliativas dentro de uma estrutura de prevenção, como a realização de festas esporádicas, de seminários.

Um dos entrevistados, afirma não realizar este tipo de investimento pelo fato desta medida não estar prevista nas leis estatutárias do órgão.

Segundo o coordenador de curso de graduação, este investe, também, indiretamente, através da promoção de cursos e da inserção de disciplinas específicas em sua grade curricular. Os demais entrevistados informam não haver investimentos, neste aspecto, por parte dos órgãos formadores de profissionais.

Uma das medidas de prevenção e/ou tratamento da saúde mental, segundo a literatura, é a preparação do profissional com treinamento de auto-ajuda. Este, segundo um dos entrevistados, está presente na escola de graduação através de um treinamento em módulo no estágio da disciplina clínica médica e através de atividades, cursos e de questões levantadas a respeito, em um dos órgãos. Infelizmente, mais uma vez, um dos entrevistados, o mesmo supracitado, informa não ser o treinamento com a auto-ajuda função do órgão devido ao fato de não estar, tam-

bém, contemplado em suas leis estatutárias, não investindo, portanto, nesta preparação.

Conforme as entrevistas, a classe médica está sofrendo pressões físico-psicológicas em sua rotina de trabalho, o que provoca uma redução em seu bem estar, afetando sua saúde mental.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Segundo os entrevistados, os profissionais da área de saúde estão enfrentando diversos problemas que vêm propiciando alterações em sua saúde mental.

Existem fatores que afetam certas profissões e, concomitantemente, não interferem em outras, como por exemplo, a inserção no mercado de trabalho. Enquanto a medicina e a odontologia estão passando por um período de grande competitividade neste, a fisioterapia, a enfermagem, a nutrição e a terapia ocupacional estão vivenciando um momento de ascensão em relação à oferta de empregos. Não é diferente na psicologia, já que esta pode atuar em diversos setores de trabalho, o que amplia suas chances.

Existem, ainda, problemas que afetam, ao mesmo tempo, todas as profissões estudadas, como, por exemplo, o descontentamento com o piso salarial recebido pelos profissionais que os leva a ter uma sobrecarga de trabalho com os inúmeros vínculos.

Em relação a comprometimentos da saúde, destacam-se a lesão por esforço repetitivo, problemas de coluna, visuais, auditivos, bursites, alergias, estresse, sobrecarga emocional, depressão, envolvimento com álcool e drogas ilícitas, contaminação por doenças infecto-contagiosas, que podem afetar todas ou algumas das classes estudadas, além dos problemas psicológicos, pelas condições de vida e trabalho, relacionamento com os outros profissionais, e, ainda, pelo envolvimento com os problemas dos pacientes.

Não é diferente com os credenciamentos aos planos de saúde, que se mostraram ser fontes de diversos e inconformáveis transtornos para a grande maioria dos entrevistados, sendo que algumas profissões, como a enfermagem e a nutrição, ainda não se encontram credenciadas

a tais planos, com propostas futuras de tal procedimento, apesar de acharem a remuneração baixa e de haver grande exigência ao profissional.

Além de tantos problemas, ainda existem outros que permeiam todas as classes, como a falta ou precária capacitação dos atuais e futuros profissionais para o cuidado de si, e deficiência ou ausência de medidas de prevenção e tratamento da doença mental.

Infelizmente, os profissionais de saúde foram formados para se preocupar apenas com a saúde do outro, descuidando da sua própria saúde.

As informações sobre investimentos no preparo destes profissionais para este auto cuidado foram irrisórias, e mesmo assim contraditas por outros entrevistados, o que torna o problema mais grave, tendo em vista tratar-se de profissionais submetidos a inúmeros problemas.

Destaca-se que o estresse persiste em todas as classes estudadas. Este vai afetando aos poucos, às vezes de forma silenciosa, fazendo com que passe despercebido ou ignorado pelos profissionais, ou ainda de forma explícita, sem receber, entretanto, a devida importância pelos profissionais de saúde.

A saúde mental dos profissionais de saúde deve ser discutida e questionada com o intuito de haver interferências dos órgãos competentes visando à manutenção e obtenção desta, independentemente do tipo de atribuição que cada órgão possui. Mas, infelizmente, na prática, esses questionamentos e preocupações não vêm acontecendo satisfatoriamente.

Existe uma predominância dos órgãos de classe, assim como dos cursos de graduação, que não fazem este monitoramento, muitas vezes, pelo fato da saúde mental do trabalhador ser um assunto à parte das leis estatutárias de seus respectivos órgãos.

Além disto atribui-se o não investimento na saúde mental dos profissionais de saúde ao fato de, simplesmente, não haver tempo para esta discussão nas reuniões existentes entre eles, o que demonstra a falta de prioridade a esta problemática. E ainda, alguns não o fazem pelo fato de nunca terem pensado na possível interferência e responsabilidade que podem ter sobre este assunto.

Mas, após as entrevistas, demonstraram, em alguns casos, o alerta a que este trabalho de pesquisa se propôs,

fazendo com que alguns dos entrevistados se conscientizassem quanto a esta responsabilidade e, assim, alegassem o surgimento do interesse pela problemática exposta e uma possível iniciativa a ser tomada para interferência neste assunto, naquele momento pós-entrevista.

Diante dos fatos analisados, depreende-se que os trabalhadores da área de saúde não têm tido o necessário olhar, que especifica os seus múltiplos papéis enquanto prestadores de serviços, principalmente no tocante à sua saúde mental, pelos líderes de classe e coordenadores de cursos de graduação da população estudada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Mendes AMB. Os novos paradigmas de organização do trabalho. *Rev. Brasileira de Saúde Ocupacional*, Rio de Janeiro, 1994; 23(85/86): 55-9.
2. Pimentel D. Saúde mental dos profissionais de saúde. [Projeto de Dissertação de Mestrado] Aracaju (SE): Núcleo de Pós-graduação em Medicina da Universidade Federal de Sergipe; 2003, 72f.
3. Pimentel D, Vieira MJ. Perfil e saúde mental dos psicanalistas. *Revista Psychê*, São Paulo, 2004 (no prelo).
4. Camom VAA. Urgências psicológicas no hospital. São Paulo: Pioneira Thomson; 2002, p. 31-9.
5. Ferreira ECA, Correia WSS. Saúde mental dos enfermeiros. [monografia de Bacharelado em Enfermagem] Aracaju (SE): Departamento de Enfermagem e Nutrição da Universidade Federal de Sergipe; 2003, 55f.
6. Noronha AB, Sophia D, Machado K. Formação profissional em saúde. *Radis: Comunicação em saúde*, Rio de Janeiro 2002 out; 3: 10-7.
7. Martins MCFN. Humanização das relações assistenciais: a formação do profissional de saúde. 2ª ed. São Paulo: Casa do psicólogo; 2001, p. 93-118.
8. Viegas C. Sofrimento Invisível. *Proteção: Rev. mensal de saúde e segurança do trabalho*, São Paulo 1998 jan; 73: 22-7.
9. Palácios M, Duarte F, Câmara VM. Trabalho e sofrimento psíquico de caixas de agências bancárias do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, 1999. [online] [acessado em : 11 jun.2003] Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=...>.

10. Glina DMR. et al. Saúde mental e trabalho. Cadernos de saúde pública. Rio de Janeiro, (RJ) 2000. [On line] [acessado em: 11 jun.2003]Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=...>.
11. Diesel Filho A et al. Organismos Desequilibrados. Proteção. Rev. Mensal de saúde e segurança do trabalho São Paulo 1999 dez; 12 (96): 30-7.
12. Dejours C. A loucura do trabalho. 5ª ed. São Paulo: Cortez –Oboré; 1992.
13. Pitta AMF. Hospital: dor e morte como ofício. 3ª ed. São Paulo: Hucitec; 1999.
14. Fernandes JD, Mota GLC, Oliveira MR, Lucena R. Relações interpessoais no contexto organizacional: representações sociais de profissionais de saúde. Rev. RENE, Fortaleza 2000 jan/jul; 1(1): 68-75.
15. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Ed 70; 1977.

RECEBIDO: 13/10/04

ACEITO: 10/01/05